

XIII SARI



O Terceiro Reich e o MAGA: uma análise comparativa de estratégias políticas

The Third Reich and the MAGA: a comparative analysis of political strategies

Maria Luiza Costa de Oliveira¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria , Santa Maria, RS, Brasil

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as convergências entre os fatores sociais, econômicos e políticos que propiciaram a ascensão do Nazismo na Alemanha (1933-1945) e do Trumpismo nos Estados Unidos (2015-presente). A pesquisa busca compreender como Adolf Hitler e Donald Trump empregaram estratégias para instigar o ultranacionalismo de extrema-direita, visando à conquista do poder. A relevância do estudo está em evidenciar como tais fenômenos apresentam dinâmicas semelhantes de mobilização política, contribuindo para o entendimento da persistência do populismo autoritário no mundo contemporâneo. Pretende-se examinar como esses fatores influenciaram a ascensão desses líderes, as alterações no panorama internacional e as estratégias políticas utilizadas por ambos. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica, análise documental e uma análise de conjuntura comparativa para os cenários de 1933 e da atualidade. O estudo identifica padrões retóricos, como os slogans *“Ein Volk, ein Reich, ein Führer”* e *“Make America Great Again”*, mapeia o uso da mídia, da retórica política e do culto à personalidade. Os resultados preliminares mostram paralelismos: o uso estratégico da mídia, a mobilização por meio da retórica e o papel central do líder contribuíram para a ascensão desses líderes políticos e para a ampliação de movimentos populistas e extremistas em suas respectivas épocas.

Palavras-Chave: Messianismo; Autoritarismo; Ultranacionalismo

¹ Em tradução livre: “Um Povo, Um Império, Um Líder”; Slogan utilizado no regime nazista, em que o povo alemão (Um Povo), a Alemanha e territórios sob seu controle (Um Império) e um líder todo-poderoso (Um Líder), formariam uma única e poderosa entidade política.

Abstract

This paper aims to analyze the convergences among the social, economic, and political factors that enabled the rise of Nazism in Germany (1933–1945) and Trumpism in the United States (2015–present). The research seeks to understand how Adolf Hitler and Donald Trump employed strategies to incite far-right ultranationalism in order to achieve political power. The relevance of this study lies in highlighting how these phenomena present similar dynamics of political mobilization, contributing to the understanding of the persistence of authoritarian populism in the contemporary world. The study examines how these factors influenced the rise of these leaders, the changes in the international landscape, and the political strategies used by both. The methodology includes bibliographic research, documentary analysis, and a comparative conjunctural analysis of the contexts of 1933 and the present day. The study identifies rhetorical patterns, such as the slogans “Ein Volk, ein Reich, ein Führer” and “Make America Great Again”, and maps the use of media, political rhetoric, and the cult of personality. Preliminary results reveal parallels: the strategic use of media, mobilization through rhetoric, and the central role of the leader contributed to the rise of these political leaders and to the expansion of populist and extremist movements in their respective periods.

Keywords: Messianism; Authoritarianism; Ultranationalism

INTRODUÇÃO

O século XX e o início do século XXI foram marcados por profundas transformações políticas, sociais e econômicas que impactaram diretamente a estabilidade das democracias liberais. Em diferentes momentos históricos, crises estruturais favoreceram a ascensão de lideranças políticas que se apresentaram como alternativas aos sistemas institucionais tradicionais, mobilizando discursos nacionalistas, autoritários e de caráter populista. Nesse contexto, fenômenos como o Nazismo na Alemanha, entre 1933 e 1945, e o Trumpismo nos Estados Unidos, a partir de 2015, suscitam debates relevantes acerca da recorrência de padrões políticos em contextos históricos distintos.

Segundo Kershaw (1998), a ascensão do Nazismo esteve profundamente relacionada ao cenário de instabilidade vivido pela Alemanha no período entreguerras, marcado por crise econômica, fragilidade institucional e ressentimento social decorrente do Tratado de Versalhes¹¹, o que acabou por criar um ambiente favorável

¹¹ Acordo de paz que encerrou a Primeira Guerra Mundial, assinado em 1919 entre a Alemanha e as potências vencedoras, impondo sanções como perda de territórios, restrições militares e indenizações.

à aceitação de discursos autoritários e nacionalistas. Adolf Hitler, ao explorar tais circunstâncias, consolidou um projeto político baseado no ultranacionalismo^{III}, no culto à personalidade e na construção de inimigos internos e externos, elementos fundamentais para a legitimação de um regime autoritário. De modo distinto, porém comparável, de com acordo com Mudde (2019), o Trumpismo emergiu em um contexto de polarização política, desconfiança nas instituições democráticas e insatisfação social nos Estados Unidos, sendo impulsionado por discursos nacionalistas, anti globalistas e *anti-establishment*^{IV}.

Apesar das diferenças históricas, institucionais e culturais entre a Alemanha do período nazista e os Estados Unidos contemporâneos, observa-se a presença de estratégias políticas semelhantes utilizadas por Adolf Hitler e Donald Trump para mobilizar apoio popular. Entre essas estratégias, destacam-se o uso intensivo da retórica política, a exploração de slogans de forte apelo emocional, a instrumentalização da mídia e a centralização da figura do líder como símbolo da nação. Tais elementos contribuem para compreender como discursos populistas autoritários conseguem se fortalecer mesmo em sociedades com tradições democráticas consolidadas, sendo impulsionados por crises sistemáticas.

A partir dos pontos elencados, o presente artigo tem por objetivo analisar de forma comparativa as convergências entre os fatores sociais, econômicos e políticos que possibilitaram a ascensão do Nazismo na Alemanha e do Trumpismo nos Estados Unidos. Procura-se compreender de que forma esses contextos favoreceram o fortalecimento de movimentos de extrema-direita e quais estratégias políticas foram empregadas por ambos os líderes para conquistar e manter apoio popular. A relevância do estudo reside na contribuição para o entendimento das dinâmicas contemporâneas de mobilização política e da persistência do populismo autoritário no cenário internacional.

A metodologia adotada consiste em pesquisa bibliográfica e análise documental,

^{III} Forma extrema de nacionalismo caracterizada pela exaltação da identidade nacional e pela defesa da supremacia e hegemonia de um país sobre outros, frequentemente associada a práticas autoritárias e excludentes.

^{IV} Também denominado "antissistema", refere-se a uma postura política crítica às instituições, normas e estruturas de poder estabelecidas, frequentemente associada à percepção de corrupção, ineficácia ou distanciamento das elites em relação à sociedade.

com base em obras acadêmicas, artigos científicos e fontes históricas pertinentes ao tema. Além disso, realiza-se uma análise de conjuntura comparativa entre o contexto alemão da década de 1930 e o cenário político estadunidense contemporâneo, permitindo identificar padrões discursivos, estratégias políticas e mecanismos de legitimação do poder. Ao mapear tais paralelismos, o trabalho pretende oferecer subsídios teóricos para a reflexão crítica sobre os riscos que discursos autoritários representam para as democracias atuais.

DESENVOLVIMENTO

O contexto da Alemanha e a ascensão do Nazismo

A ascensão do Nazismo na Alemanha está diretamente associada ao contexto de profunda instabilidade política, econômica e social vivido pelo país no período posterior à Primeira Guerra Mundial, evento esse em que a Alemanha saiu vencida. A derrota alemã em 1918 e as imposições do Tratado de Versalhes resultaram em severas consequências econômicas e simbólicas, como a hiperinflação, o desemprego em massa e o sentimento de humilhação nacional, fatores que contribuíram para o enfraquecimento da República de Weimar e para a perda de legitimidade das instituições democráticas recém-estabelecidas (NETTO, 2024).

Adolf Hitler, nascido em 1889 na Áustria, foi um ditador que liderou o Partido Nazista, tornando-se Chanceler da Alemanha não por eleição direta, mas por nomeação institucional do então presidente Paul von Hindenburg, em um contexto de grave crise política da República de Weimar em 1933 e Führer em 1934, iniciando o que viria ser conhecido como um regime totalitário do Terceiro Reich e a Segunda Guerra Mundial, posteriormente culminando no Holocausto e em seu suicídio em 1945, dando assim fim ao Terceiro Reich e início a República da Alemanha (KERSHAW, 1998).

A fragilidade do sistema político alemão foi agravada pela incapacidade do Estado em responder de forma eficiente às crises econômicas e sociais, especialmente

durante a Grande Depressão de 1929. A instabilidade governamental, caracterizada por sucessivas mudanças de gabinete e pela crescente polarização política, abriu espaço para o fortalecimento de movimentos extremistas que se apresentavam como alternativas ao modelo liberal-democrático. Nesse contexto, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) ampliou sua base de apoio ao explorar o descontentamento popular e ao oferecer soluções simplificadas para problemas estruturais complexos (NETTO, 2024).

Adolf Hitler consolidou sua liderança política por meio de um discurso fundamentado no ultranacionalismo, na exaltação da identidade alemã e na construção sistemática de inimigos internos e externos. Minorias étnicas, opositores políticos e potências estrangeiras foram responsabilizados pela crise enfrentada pelo país, estratégia que contribuiu para legitimar práticas autoritárias e excludentes. Segundo Machado (2022), a retórica nazista foi central para a mobilização das massas, ao transformar frustrações sociais em apoio político ao projeto totalitário liderado por Hitler, que realizava falsas promessas de aumento das taxas de emprego, restauração plena da economia, recuperação dos territórios perdidos no pós Primeira Guerra Mundial a partir do Tratado de Versalhes, e a recuperação do status de grande potência no cenário mundial.

Outro fator essencial para a ascensão do Nazismo foi o uso estratégico da propaganda política como instrumento de persuasão e controle social. O regime investiu amplamente na difusão de símbolos, slogans (sendo *“Ein Volk, ein Reich, ein Führer”* o mais conhecido) e narrativas que reforçavam a imagem de Hitler como líder carismático e salvador da nação. O culto à personalidade desempenhou papel central nesse processo, associando o destino bem sucedido da Alemanha à figura do *Führer* e promovendo a ideia de unidade nacional poderosa sob uma liderança forte e incontestável (MACHADO, 2022).

Figura 1 – Soldados em comício do Partido Nazista em Nuremberg



Fonte: Bettmann/Getty Images (2016)

Na imagem apresentada acima, podemos observar tropas nazistas organizadas simetricamente diante de símbolos do regime nazista, evidenciando a centralidade do Estado e da disciplina sob a liderança do Führer. A ausência de individualidade dos soldados reforça a ideia de pertencimento fundada em critérios raciais e ideológicos, conforme apresentado no Programa de 25 Pontos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, e baseando-se também em uma lógica de raça superior.

O regime nazista detinha um ferrenho controle dos meios de comunicação, mantendo rádio, imprensa, cinema e produção cultural sob controle do Ministério da Propaganda, com o objetivo de difundir a ideologia nacionalista e moldar a opinião pública a seu favor. O rádio, principalmente, teve um papel central ao propagar os discursos do *Führer* e das narrativas do regime, reforçando o culto à liderança e a mobilização das massas. Ou seja, a propaganda nazista, aliada ao progressivo controle dos meios de comunicação, permitiu a ampliação do alcance do discurso oficial e a consolidação da hegemonia política do regime. Conforme apontam Levitsky e Ziblatt (2018), contextos de crise institucional e deslegitimação das normas democráticas tendem a facilitar a aceitação social de lideranças autoritárias, especialmente quando estas se apresentam como únicas capazes de restaurar a ordem e a estabilidade.

Embora o Partido Nazista não dispusesse de um código de conduta formal nos moldes contemporâneos, sua orientação política e ideológica encontrava-se sistematizada em documentos oficiais, como o Programa de 25 Pontos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, divulgado em 1920. O documento estabelecia diretrizes fundamentais do movimento, incluindo a rejeição ao Tratado de Versalhes, a exclusão racial de pessoas que não eram considerados “alemães de raça pura” e a centralização do poder político, fatores que viriam a contribuir para a legitimação do autoritarismo e para a consolidação do culto à figura do líder.

Dessa forma, a ascensão do Nazismo não pode ser compreendida apenas como resultado da liderança individual de Adolf Hitler, mas como consequência de um conjunto de fatores estruturais que favoreceram a aceitação de um regime autoritário. A combinação entre crise econômica, fragilidade institucional, ressentimento social e uso sistemático da retórica política criou as condições necessárias para a consolidação do poder nazista na Alemanha, estabelecendo um precedente histórico relevante para a análise de fenômenos políticos semelhantes em contextos contemporâneos (NETTO, 2024; MACHADO, 2022).

O Trumpismo e o contexto político dos Estados Unidos

A emergência do Trumpismo nos Estados Unidos da América (EUA) está inserida em um contexto de crescente polarização política, crise de representatividade e insatisfação social em relação às instituições democráticas tradicionais. A partir da segunda década do século XXI, fatores como os impactos da crise financeira de 2008, o aumento das desigualdades socioeconômicas e a percepção de perda de protagonismo internacional contribuíram para o fortalecimento de discursos nacionalistas e antiglobalistas no país (GUIMARÃES, 2002; ARAÚJO, 2018).

Donald John Trump, nascido em 1946 nos Estados Unidos da América, é empresário e o atual presidente dos Estados Unidos pelo partido Republicano, estando atualmente em seu segundo mandato presidencial não consecutivo, tendo sido eleito

democraticamente para seu primeiro mandato em 2017 e o segundo em 2025. Em 2024, tornou-se o primeiro presidente dos EUA a ser condenado por um crime, sendo considerado culpado no caso “O Povo do Estado de Nova Iorque contra Donald J. Trump”, em que era acusado de falsificar registros comerciais, além de enfrentar acusações criminais relacionadas à sua tentativa de interferir no resultado das eleições.

Ao observar a trajetória de Donald Trump, percebe-se que ele se apresentou como uma figura *outsider of establishment*^v político, explorando o descontentamento de parcelas significativas da população com a classe política tradicional. Seu discurso caracterizou-se pela crítica às elites políticas e econômicas, pela deslegitimação da imprensa e pelo questionamento de normas institucionais consolidadas. Segundo Araújo (2018), o Trumpismo mobilizou uma narrativa que associa o declínio dos Estados Unidos à atuação de inimigos internos e externos, reforçando uma visão de mundo pautada no nacionalismo e na defesa de interesses considerados exclusivamente nacionais.

A retórica política desempenhou papel central na consolidação do Trumpismo como movimento político. O uso recorrente do slogan “*Make America Great Again*” sintetizou a promessa de restauração de uma suposta grandeza perdida, mobilizando sentimentos de nostalgia, medo e ressentimento social. Rosenfeld (2019) aponta que tais estratégias discursivas favorecem analogias históricas com regimes autoritários do passado, ao enfatizar a imagem do líder como figura salvadora, sendo este o único capaz de resgatar a ordem e a identidade nacional.

Outro aspecto relevante foi o uso estratégico da mídia e das redes sociais como ferramentas de comunicação direta com a base eleitoral. Donald Trump utilizou essas plataformas para contornar os meios de comunicação tradicionais, reforçar sua narrativa política e deslegitimar discursos críticos. Esse processo contribuiu para a ampliação da polarização política e para o enfraquecimento da confiança nas instituições democráticas, fenômeno analisado por Levitsky e Ziblatt (2018) como um dos principais sinais de erosão democrática em regimes contemporâneos.

^v Refere-se a um ator político que se apresenta como externo às elites políticas tradicionais e às estruturas institucionais consolidadas, construindo sua imagem pública em oposição ao sistema político vigente e às práticas do establishment.

Além disso, o Trumpismo estimulou a formação de um culto à personalidade em torno da figura do líder, ainda que em moldes distintos dos regimes totalitários clássicos. A centralidade de Trump no movimento, aliada à personalização do poder e à fidelidade política de seus apoiadores, evidenciou uma dinâmica populista que associa a vontade do líder à vontade do povo. Conforme destaca Moreira (2024), essa característica é recorrente em movimentos da nova direita, nos quais a liderança carismática desempenha papel fundamental na mobilização política e na radicalização do discurso.

Figura 2 – Donald Trump realiza comício de campanha em Michigan



Fonte: Nic Antaya/Getty Images (2024)

Na imagem acima, podemos ver uma multidão de pessoas com cartazes com frases como *"Make America Great Again"* e *"Fire Biden"*, enquanto o então candidato à presidência, Donald Trump, discursava em um comício em 1º de maio de 2024. A repetição visual do slogan e o uso das cores nacionais (azul, branco e vermelho) reforçam a construção identitária coletiva com raízes no nacionalismo e na centralidade da figura do líder feita por Trump. Com isso, evidencia-se que o Trumpismo recorre à simbologia de pertencimento nacional, associando diretamente a promessa de restauração da grandeza do país a sua liderança política.

Dessa forma, o Trumpismo pode ser compreendido como resultado de um conjunto de fatores estruturais e discursivos que favoreceram o fortalecimento do populismo autoritário nos Estados Unidos da América. A combinação entre crise institucional, uso estratégico da retórica política, exploração do nacionalismo e centralização da liderança contribuiu para a consolidação do movimento e para a ampliação de tendências extremistas no cenário político estadunidense contemporâneo (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; ROSENFELD, 2019).

ESTRATÉGIAS POLÍTICAS COMPARADAS: RETÓRICA, MÍDIA E CENTRALIDADE DO LÍDER

Análise comparativa entre a ascensão do Nazismo na Alemanha e do Trumpismo nos Estados Unidos revela a presença de estratégias políticas semelhantes, apesar das diferenças históricas, institucionais e temporais entre os dois contextos. Em ambos os casos, observa-se a mobilização de discursos populistas autoritários que exploram crises econômicas, políticas e identitárias, apresentando o líder como a figura central do movimento, este sendo o único capaz de restaurar a ordem, a grandeza nacional perante o cenário internacional e a estabilidade social (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

Ainda nesse sentido, Levitsky e Ziblatt (2018) afirmam que:

Para demagogos cercados por restrições constitucionais, uma crise representa uma oportunidade para começar a dismantlar o inconveniente e às vezes, ameaçador sistema de freios e contrapesos que vem com a política democrática. As crises permitem aos autocratas expandir seu espaço de manobra e se proteger de inimigos aparentes (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018, 2018, p.98)

Um dos principais pontos de convergência entre os dois fenômenos é o uso estratégico da retórica política como instrumento de mobilização das massas. Tanto Adolf Hitler quanto Donald Trump recorreram a *slogans* de forte apelo emocional, capazes de sintetizar projetos políticos complexos em mensagens simples e facilmente assimiláveis. Expressões como “*Ein Volk, ein Reich, ein Führer*” e “*Make America Great Again*”

funcionaram como mecanismos de identificação coletiva, reforçando sentimentos de pertencimento, nacionalismo e oposição a inimigos comuns, internos ou externos (MACHADO, 2022; ROSENFELD, 2019).

Outro elemento comum diz respeito à instrumentalização da mídia como ferramenta política. No caso do Nazismo, a propaganda estatal desempenhou papel fundamental na difusão do discurso oficial e na construção da imagem de Hitler como líder carismático e salvador da nação, promovendo o culto à personalidade e a homogeneização do pensamento político (MACHADO, 2022). O regime nazista detinha o controle total da rádio, seu principal meio de comunicação, no qual era utilizada uma comunicação de um para muitos, sem resposta, eliminando completamente o contraditório. Já no Trumpismo, embora inserido em um contexto democrático e com maior pluralidade de meios de comunicação, o uso intensivo das redes sociais permitiu a comunicação direta com a base eleitoral, a deslegitimação da imprensa tradicional e a ampliação da polarização política (ARAÚJO, 2018; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

Apesar de Trump não controlar as redes sociais como o Estado nazista controlava o rádio, ele aproveita-se da lógica de infodemia^{vi} e da interatividade excessiva das plataformas para “afogar” as críticas de seus opositores. Nesse sentido, a eficácia do Trumpismo reside na “gamificação” da política, transformando o ressentimento econômico em um espetáculo midiático constante. Essa dinâmica cria um contraste estético significativo: ao contrário da ordem absoluta e simétrica dos comícios de Nuremberg, os eventos de Trump em 2024 celebram uma espécie de “caos ordenado”, onde a lealdade visceral ao líder supera qualquer programa partidário ou institucional formal.

A centralidade da figura do líder constitui outro aspecto convergente entre os dois movimentos. Em ambos os casos, o projeto político tornou-se fortemente personalista, associando a vontade do líder à vontade do povo. No regime nazista, essa dinâmica foi levada ao extremo por meio da institucionalização do *Führerprinzip*, que concentrava o poder político e simbólico na figura de Hitler. No Trumpismo,

^{vi} Conceito definido pela OMS como o volume excessivo de informações, sendo elas precisas ou não, que se propagam de forma rápida e incontrolável. Esta “epidemia de informação” dificulta o acesso a fontes confiáveis e orientações seguras, gerando confusão e desorientação social, especialmente através das redes sociais e plataformas digitais.

embora sem a ruptura formal com a ordem constitucional, observa-se uma tendência à personalização do poder e à fidelidade política baseada mais na figura do líder do que em programas ou partidos (MOREIRA, 2024; ROSENFELD, 2019).

CONCLUSÃO

As democracias não morrem apenas por meio de golpes militares, mas também pela ação gradual de líderes eleitos que corroem as instituições democráticas (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). A análise comparativa entre a ascensão do Nazismo na Alemanha e do Trumpismo nos Estados Unidos possibilitou a identificação de convergências relevantes nos fatores sociais, econômicos e políticos que favoreceram o fortalecimento de movimentos populistas autoritários em contextos históricos distintos. Apesar das diferenças temporais e institucionais, ambos os fenômenos evidenciam como períodos de crise estrutural, instabilidade democrática e insatisfação social podem criar condições propícias à emergência de lideranças ultranacionalistas e personalistas.

O estudo demonstrou que a retórica política desempenhou papel central na mobilização das massas em ambos os casos. O uso de slogans de forte apelo emocional, a construção de narrativas simplificadoras e a identificação de inimigos internos e externos mostraram-se mecanismos eficazes para canalizar frustrações sociais e ampliar o apoio popular aos respectivos projetos políticos. Além disso, a instrumentalização da mídia revelou-se elemento decisivo, seja por meio da propaganda estatal no regime nazista, seja pelo uso intensivo das redes sociais no contexto estadunidense contemporâneo, contribuindo para a ampliação do alcance do discurso político e para o enfraquecimento da confiança nas instituições democráticas.

Outro aspecto relevante identificado foi a centralidade da figura do líder como eixo estruturante desses movimentos. A personalização do poder, associada ao culto à personalidade e à fidelidade política baseada na imagem do líder, mostrou-se fundamental para a consolidação e manutenção do apoio popular. Embora o

Trumpismo não tenha resultado na instauração de um regime totalitário, as dinâmicas observadas indicam tendências de erosão democrática que merecem atenção, conforme apontado pela literatura especializada, especialmente considerando as ações realizadas por Donald Trump desde que assumiu seu segundo mandato presidencial em 20 de janeiro de 2025.

Sendo assim, ao evidenciar os paralelismos entre o Nazismo e o Trumpismo, este trabalho contribui para a compreensão da persistência do autoritarismo no cenário político contemporâneo. A análise comparativa reforça a importância da preservação das instituições democráticas, do fortalecimento da cultura política pluralista e da vigilância crítica diante de discursos que exploram crises e ressentimentos sociais. Ademais, destaca-se que o estudo de experiências históricas e contemporâneas constitui ferramenta essencial para a prevenção da repetição de práticas autoritárias e para a promoção de democracias mais resilientes.

Por fim, destaca-se que diferentemente da análise sobre o nazismo, que se beneficia de um distanciamento histórico de quase um século, o estudo das estratégias políticas de Donald Trump enfrenta o desafio da contemporaneidade. Uma vez que seu mandato ainda está em vigor, os desdobramentos institucionais e sociais de suas políticas ainda não atingiram seu desenvolvimento completo, exigindo que esta comparação seja tratada como uma análise de conjuntura em desenvolvimento, e não como um veredicto histórico final.

REFERÊNCIAS

ANTAYA, Nic. **Donald Trump realiza comício de campanha em Michigan**. 2024. Getty Images. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/the-crowd-turns-around-and-holds-their-signs-toward-foto-jornal%C3%ADstica/2150483853>. Acesso em: 16 jan. 2026.

ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. Trump e o Ocidente. *In*: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (FUNAG); Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI). **Cadernos de Política Exterior** – Ano 3, nº 6 (2º semestre de 2017). Brasília: FUNAG, 2018. p. 323-358. ISSN 2359-5280. DOI: 10.61623/cpe.v3n6.a11. Disponível em: https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-92-cadernos_de_politica_exterior_ano_3_num_ero_6_segundo_semestre_de_2017. Acesso em: 26 set. 2025.

BETTMANN. **Soldados em comício do Partido Nazista em Nuremberg**. 2016. Getty Images. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%3%ADstica/huge-crowd-of-soldiers-in-combat-gear-stands-at-foto-jornal%3%ADstica/514693950?adppopup=true>. Acesso em: 16 jan. 2026

DE SOUZA NETTO, Paulo. CRISE CONSTITUCIONAL E ASCENSÃO DE REGIMES TOTALITÁRIOS: a ascensão do nazismo na Alemanha e a falência das Instituições Democráticas de Direito. **Revista de Iniciação Científica e Extensão da Faculdade de Direito de Franca**, v. 9, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revista.direitofrancr/index.php/icfdf/article/view/1614>. Acesso em 25 set. 2025.

EVANS, Richard J. **The Third Reich in Power: 1933–1939**. New York: Penguin Press, 2012.

GUIMARÃES, Cesar. A política externa dos Estados Unidos: da primazia ao extremismo. **Estudos Avançados**, v. 16, p. 53-67, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/dzLhz3vyZcm3BKsbmssv74j/>. Acesso em 25. set. 2025.

KERSHAW, Ian. **Hitler: 1889-1936: Hubris**. London: Allen Lane, 1998.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. 272 p. ISBN 978-85-378-1800-8.

MARTINS MACHADO, Larissa. **A propaganda política na construção da imagem de Adolf Hitler**. 2022. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5466>. Acesso em: 26 set. 2025.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. Samuel Huntington, trumpismo e a nova direita nos Estados Unidos. In: MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira; PRIORY, Angelo; CARRERI, Márcio Luiz (org.). **História Política, Democracia e Direitos Humanos: objetos, problemas e perspectivas**. 1. ed. Salvador: PPGH/UNEB, 2024. p. 179–200. Disponível em: https://www.poshistoria.uneb.br/wp-content/uploads/2025/07/Raimundo-2024-Hist.-Politica-Democracia-e-Direitos-Humanos_org.-coletanea_capa-e-pag.-iniciais.pdf. Acesso em: 25 set 2025.

MUDDE, Cas. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

NATIONAL SOCIALIST GERMAN WORKERS' PARTY. **Program of the National Socialist German Workers' Party (25 Points)**, 1920. Disponível em: <https://avalon.law.yale.edu/imt/1708-ps.asp>. Acesso em: 16 jan. 2026.

ROSENFELD, Gavriel D. An American Führer? Nazi analogies and the struggle to explain Donald Trump. **Central European History**, v. 52, n. 4, p. 554-587, 2019 Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/central-european-history/article/an-american-fuhrer-nazi-analogies-and-the-struggle-to-explain-donald-trump/25CBE639F23D2D80870EA4D3F1E6D566>. Acesso em 26 set. 2025.

Autoria

1 Maria Luiza Costa de Oliveira

Graduanda em Relações Internacionais

<https://orcid.org/0009-0007-7048-5663> • maria-oliveira.mo@acad.ufsm.br

Como citar este artigo

OLIVEIRA, M. L. C. O Terceiro Reich e o MAGA: uma análise comparativa de estratégias políticas. **InterAção**, Santa Maria, v. 17, n. 2, e96164, p. 1-16, jun. 2026. DOI 10.5902/1980509896164. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5902/2357797596164>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.

Artigo da XIII SARI

XIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SARI)

A XIII SARI foi organizada pelo Diretório Acadêmico de Relações Internacionais, ocorreu entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025, na Universidade Federal de Santa Maria, reunindo estudantes, pesquisadores e especialistas em torno de uma programação diversificada. O evento contou com palestras que abordaram temas relevantes e contemporâneos, como crime organizado, conflitos internacionais, direitos humanos, tecnologias emergentes, guerra cibernética, construção da paz e questões relacionadas à Amazônia e ao meio ambiente, entre outros.

Alinhada ao tripé fundamental das instituições de ensino superior - ensino, pesquisa e extensão -, a XIII SARI reafirma a importância da universidade como espaço de produção e democratização do conhecimento científico, além de contribuir para a formação acadêmica e o desenvolvimento pessoal dos(as/es) estudantes. Em uma dimensão mais ampla, o evento reflete o papel social da universidade; em uma perspectiva mais específica, destaca-se por ampliar o repertório dos discentes e apresentar a diversidade temática presente no campo das Relações Internacionais, especialmente para aqueles que estão em início de curso.

Nesse sentido, a temática abrangente da XIII SARI permitiu não apenas a introdução dos estudantes a diferentes áreas de estudo, mas também a valorização de temas ainda pouco explorados na grade da UFSM, por meio da participação de especialistas de diversas áreas do conhecimento. Além disso, o evento se destacou por incentivar o protagonismo estudantil, uma vez que foi organizado por estudantes e voltado para estudantes, promovendo tanto a participação ativa quanto o engajamento crítico.

Como marco importante desta edição, destaca-se a retomada dos painéis temáticos com apresentação de trabalhos acadêmicos dos próprios alunos - prática que não ocorria há cerca de dez anos -, acompanhada da previsão de publicação em anais do evento, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais - Ana Lélia (NEPRI/UFSM). Essa iniciativa reforça o compromisso da SARI com a produção científica e com a valorização das vozes estudantis dentro da universidade.

